



“Arriscar na sua Palavra”

O Evangelho é a Palavra de Deus em palavras humanas e, por esse motivo, é fonte de vida sempre nova, mesmo nestes tempos de pandemia. Mas para que ela possa se difundir, é necessário colocar em prática as palavras de Jesus, traduzi-las em atos concretos de fé, amor e esperança.

(...) «*Por causa da tua Palavra lançarei as redes*»[1].

Para que Pedro pudesse experimentar a potência de Deus, Jesus lhe pediu a fé: crer n’Ele, acreditar até mesmo em algo que, humanamente falando, era impossível, absurdo: pescar de dia, quando a noite tinha sido tão avarenta.

Também nós, se quisermos que a vida retorne, se desejarmos uma pesca milagrosa de felicidade, devemos acreditar e enfrentar, se necessário, o risco do absurdo, que às vezes a sua Palavra implica.

Nós o sabemos: a Palavra de Deus é vida, mas se chega à vida passando pela morte; é ganho, mas este se consegue perdendo; é crescimento, que, porém, só se alcança diminuindo.

E então? Como solucionar o estado de cansaço espiritual no qual às vezes podemos nos encontrar?

Enfrentando o desafio da sua Palavra.

Muitas vezes, influenciados pela mentalidade do mundo em que vivemos, também nós passamos a acreditar, às vezes, que a felicidade consiste em possuir, em se impor, em divertir-se, em dominar os outros, em aparecer, em satisfazer os sentidos: em comer e beber... , mas não é assim.

Caros leitores!

“O amor não para!” – É esta a mensagem simples e profunda deste número do nosso Noticiário Mariápolis. Um amor enraizado no relacionamento com um Pai que nos ama imensamente faz com que nos tornemos mais família global (pág. 2, 9, 11, 13), nos estimula a compartilharmos os nossos bens (pág. 4), nos abre coração e mente para dialogar



Vamos tentar enfrentar o risco de cortar todas essas coisas. Deixemos que o nosso eu corra o risco da morte completa. Vamos arriscar, vamos arriscar! Uma, duas, dez vezes por dia.

O que acontecerá? À noite sentiremos brotar, suavemente no coração, o amor; reencontraremos a união com Deus que não esperávamos mais; resplandecerá a luz das suas inconfundíveis inspirações. Seremos invadidos pela sua consolação, pela sua paz, e nos sentiremos novamente sob o seu olhar de Pai. E, envolvidos desta forma pela sua proteção, renascerá em nós a força, a esperança, a confiança, a certeza de que a Santa Viagem é possível; (...) sentiremos a certeza de que o mundo pode ser de Deus.

Mas é preciso correr o risco da morte, do nada, do desapareço. Este é o preço! (...)

Chiara Lubich

Tirado de: “Arriscar na sua Palavra”, in: Chiara Lubich, Conversazioni in collegamento telefonico, pag. 108. Città Nuova Ed., 2019.[1] Lc 5,5.

com todos (pág. 6) e é fonte inesgotável de fantasia e criatividade em encontrar formas sempre novas para nos aproximarmos dos outros (pág. 5, 8, 10, 12). É um caminho, o caminho por excelência, para viver uma vida realizada (pág. 14, 15). Boa leitura!

Joachim Schwind

Departamento de Comunicação dos Focolares

Rumo a um novo tempo: o da família universal



O que essa pandemia fez emergir na vida social e eclesial? O que suscitou no Movimento dos Focolares? Como podemos viver o tempo novo e desconhecido que nos espera? Diálogo aberto com Maria Voce. De uma entrevista a Radio Inblu (Itália).

D.: A partir de 18 de maio, as Missas poderão ser novamente celebradas, com todas as precauções, é claro. Um breve comentário sobre isso...

Maria Voce: Sempre acompanhamos a Missa do Papa, tivemos milhares de oportunidades para rezar juntos em streaming. Mas não podemos esconder que o cristianismo é uma religião encarnada, e também é importante a presença física em certas ocasiões, participar mais diretamente e de uma maneira mais viva dos mistérios do próprio cristianismo. Portanto, participar da Eucaristia de maneira real é algo que certamente nos fazia falta e é um dom que agora recebemos novamente.

Portanto, estamos prontos para prestar toda a atenção, toda a cautela necessária para não perder esta oportunidade.

D: Sim. Aconteceram muitas coisas nesse período, tivemos que questionar comportamentos, aquisições... Na sua opinião, o que pandemia está suscitando na vida social e também na vida eclesial?

Maria Voce: Está trazendo à tona coisas bonitas que também podem ser ruins.

A primeira coisa que desejo enfatizar é a igualdade entre todos, ou seja, essa pandemia nos mostrou que as pessoas diante desse pequeno patógeno, vírus que nos atingiu, são todas iguais porque afeta tanto os poderosos como os pobres, tanto os ricos como quem não tem nada, a criança e o adulto, quem está na prisão e quem

está do lado de fora. Então, nesse sentido, somos todos verdadeiramente iguais.

Ao mesmo tempo, essa pandemia também revelou muitas desigualdades que não são geradas pelo fato de sermos humanos, homens, mas são geradas por causa das culturas, dos preconceitos, estilos de vida, de modo que existem aqueles que podem pagar pelo tratamento e quem não tem condições de pagar. Há aqueles que têm a casa onde podem se isolar e aqueles que são forçados a estar com mais pessoas em um espaço muito pequeno; aqueles que perdem o trabalho mas que podem sacar da conta bancária as suas economias, e aqueles que, perdendo o trabalho, não têm nenhum outro recurso e correm o risco de sofrer a fome, bem como as suas famílias.

Infelizmente, as desigualdades se tornaram ainda mais evidentes. E isso deve nos fazer pensar, porque logicamente estas desigualdades não são desejadas por Deus, não são desejadas pela natureza humana, mas sim pela má vontade dos homens que não foram capazes de administrar bem os dons que Deus nos deu. Portanto, precisamos remediar todas essas desigualdades para não nos encontrarmos, quando a pandemia tiver passado, piores de como éramos antes; em vez disso, sermos facilitados pela constatação dessa igualdade ao elaborar programas que respeitem essa igual dignidade de todos.

D: E na comunidade eclesial?

Maria Voce: Em relação à comunidade eclesial, tenho a impressão de que ela revelou o essencial, porque muitas coisas caíram: vimos que a Igreja, feita de paredes, não é essencial, mas a Igreja como comunhão é essencial; que não é essencial ir todos os dias visitar Jesus sacramentado, mas é essencial amar o irmão, é essencial responder com amor às pessoas próximas a nós, é essencial buscar no Evangelho as palavras que Jesus nos deixou e nas quais devemos nos inspirar. Portanto, fez cair muitas coisas também em nível eclesial.

Mas isso nos faz bem, porque nos leva ao renascimento mencionado pelo Papa Francisco continuamente, à ressurreição, a começar de novo a reformar verdadeiramente a Igreja de maneira vital e não de modo institucional ou formal.

D: De tudo isso, o que é mais essencial?

Maria Voce: Creio que o mais essencial é pensar que somos a única família humana. Portanto, a única família humana deve impulsionar todos nós a cuidar um do outro, a cuidar da criação que é a única casa que contém essa

única família humana; a cuidar com responsabilidade, com atenção, justamente porque o cristianismo nos faz olhar para essa realidade também com responsabilidade. Somos todos membros de uma família, mas somos todos responsáveis por essa família; portanto, cada pessoa dessa família é importante, tem direitos, mas também tem deveres. É uma responsabilidade coletiva.

E acho que isso deve nos levar a fazer propostas, a programar, a ver o que pode ser feito para incluir realmente todos. A fazer propostas no âmbito econômico, no âmbito político, capazes de realmente visar ao bem comum, não ao bem de um ou de outro, não aos interesses de uma parte ou de outra, mas ao bem de todos. Portanto, fazer propostas que visem a comunhão de bens em um nível mais universal.

A Igreja – e também nós, como Movimento dos Focolares – é universal, não tem fronteiras. A Igreja, em certo sentido, compete em termos iguais com o vírus; o vírus não tem medo das fronteiras, mas também a Igreja não tem medo das fronteiras. A Igreja é universal porque é a família de Deus na terra inteira.

É para essa família de Deus que se deve olhar para entender como torná-la assim, isto é, como criar estruturas que favoreçam o desenvolvimento integral de todos, que respeitem a história de cada povo, a cultura de cada povo, o modo de vida de cada um, sem querer coagi-las com a ideia de desenvolvê-lo segundo os nossos modelos, segundo os nossos planos. Ao mesmo tempo, colocando à disposição uns dos outros todos os talentos com os quais Deus dotou cada povo, cada cultura, cada pessoa. Colocar à disposição uns dos outros, para que juntos possamos fazer com que o mundo se torne aquela casa comum cada vez mais bela, cada vez mais digna de ser habitada pelos filhos de Deus.

D: Maria Voce, como este período desafia o Movimento dos Focolares? Que reflexões vocês estão fazendo?

Maria Voce: Desafia-nos como desafiou a todos, no sentido de que nós também nos encontramos de um dia para o outro na impossibilidade de poder programar como gostaríamos a nossa vida pessoal e a vida do Movimento. Então tivemos que mudar toda a programação.

É um ano importante para nós, porque é o centenário do nascimento de Chiara Lubich. Estamos planejando a Assembleia Geral do Movimento para o mês de setembro; havia várias encontros preliminares já agendados para preparar a Assembleia. E tudo isso mudou de um momento para o outro, de um dia para o outro. E nos deparamos com a incapacidade absoluta de prever, planejar e pensar o que poderia ser feito. Isso logicamente nos abalou.

Ao mesmo tempo, aprendemos com Chiara Lubich a viver o momento presente, a querer fazer apenas o que Deus nos pede, portanto, a querer nada mais que a Sua vontade e buscar juntos – ouvindo um ao outro, tentando entender as exigências de cada um – o que Deus queria nos dizer através dessa situação. E para fazer isso, primeiro mudamos toda programação, mas sempre considerando o interesse daqueles que teriam participado dessa programação e o interesse daqueles que, devido às mudanças, sofreriam perdas econômicas, transtornos, realidades deste tipo.

Agimos assim, com alegria, sem nos deixarmos abater minimamente com isso. E estamos vendo que isso estava nos planos de Deus, porque nos levou a uma maior essencialidade na vida, a querer também rever os nossos estilos de vida; a uma sobriedade maior ao decidir comprar algo agora ou não, a adiar uma despesa agendada, adiar ou cancelá-la totalmente para colocar à disposição o que tínhamos pensado para uma necessidade mais imediata.

Toda esta situação nos levou a considerar as condições das nossas famílias. Muitas pessoas entre nós perderam o trabalho, bem como muitas outras e não sabem como agir. Essa realidade suscitou uma comunhão de bens mais completa, aberta e transparente entre todos. Por isso, compartilhamos mais as necessidades e também o que a Providência nos enviou. E, de fato, devemos dizer que, mais uma vez, a Providência se revelou verdadeira, que é algo real, que o Pai envia o que é necessário a seus filhos, se eles querem viver para ele e no amor mútuo.

Desta maneira, num certo sentido, destacou aquilo que nos move e esse amor que Deus colocou em nossos corações, não como focolarinos, mas como pessoas, como seres humanos. Como focolarinos, torna-se ainda mais vivaz porque esse amor chega a realizar a unidade, ou seja, é amor capaz de dar a vida um pelo outro, de arriscar qualquer coisa. Isso realmente foi algo que moveu o Movimento no mundo inteiro.

O Movimento, assim como a Igreja, também é universal, então sofremos com o que o nosso povo na China sofreu, como os nossos na América, no Oriente Médio, por toda parte, na Itália, e vivemos tudo juntos. As pessoas do Movimento que possuem mais deram a quem tem menos. Recebemos ajuda da China, da Coreia, do Japão, do Oriente Médio e da Síria. Talvez palavras de incentivo, saudações, mas todos expressavam que essa grande família que vive o Ideal que a nossa fundadora, Chiara Lubich, nos deixou queria ser uma coisa só e estar à disposição de outros com essa unidade para ajudar o mundo a se tornar uma só coisa.

De uma entrevista concedida a Alessandra Giacomucci para Ecclesia (Radio InBlu), 8 de maio de 2020

Ma comunhão de bens que testemunha a fraternidade

A crise do Corona vírus nos interpela, inclusive como “grande família” dos Focolares, a rever os nossos estilos de vida e nos chama a intensificar o testemunho da fraternidade.

No mundo inteiro, as comunidades, associações e pessoas do Movimento se puseram em ação para responder às necessidades das pessoas próximas. Estamos cheios de gratidão por isto.

Mas o impacto da pandemia está criando novas pobreza e desigualdades. Para vir ao encontro das necessidades de muitas pessoas com as quais estamos em contato, assim como com as obras e atividades nos territórios, especialmente mais vulneráveis, foi ativado no Centro internacional do Movimento um fundo específico **‘Comunhão de bens COVID-19’**.

Donar por transferência bancária:

Nome do favorecido: PIA ASSOCIAZIONE
MASCHILE OPERA DI MARIA

Código IBAN IT 28 L 05034 21900 000000008888

Código BIC e SWIFT BAPPIT21H65



Como motivo da transferência, escolher uma das seguintes destinações:

- COVID-19-Pessoas e famílias
- COVID-19-Obras e trabalho
- COVID-19-Formação de jovens

ou então (para quem não quiser indicar uma destinação)

- COVID-19-Comunhão de bens extraordinária.

Evangelho vivido: Aquilo em que acredito

Sou cabelereira e faço serviço em domicílio. Um dia fui chamada por uma jovem senhora casada a pouco tempo, que esperava um filho. Triste, me confidenciou que tinha a intenção de se divorciar porque a sogra lhe tornava a vida impossível. Eu a ouvi por longo tempo, depois lhe aconselhei que esperasse. Após alguns dias, também a sogra me chamou para que eu lhe cortasse o cabelo. E logo me falou mal da nora. “Que estranho –repliquei –, justamente dois dias atrás eu estava na sua casa e a ouvi dizer só coisas boas sobre a senhora...”. Quando me encontrei de novo com a nora, lhe disse: “A sua sogra me falou bem da senhora, lhe quer muito bem...”. Alguns dias depois, a família se reuniu por ocasião de uma festa. Sogra e nora se reviram após meses e foi um momento bellissimo, como elas mesmas depois me contaram. E me agradecendo: “Quem ensina a você as coisas belas que nos diz?”. Assim, pude explicar a elas aquilo em que acredito: aquele Evangelho que ensina a ser construtores de paz. (F. – Paquistão)



por Stefania Tanesini

*(tirado de Il Vangelo del Giorno (O Evangelho do Dia),
Città Nuova, ano VI, n°.3, abril-maio 2020)*



Amar uma aldeia de cada vez, sem parar!

A experiência da comunidade de Bangalore, na Índia, durante o lockdown pela emergência.

“Quando acontece, de repente, que por 21 dias tudo fica fechado e não sabemos como será o futuro; quando o trabalho, que lhe manteve até agora, para e não sabe como a situação vai continuar... o que fazer? Creio que seja esta a experiência que vivemos neste momento não apenas na Índia, mas em tantos países no mundo inteiro, e na Itália foram os primeiros, infelizmente, a fazer esta experiência de grandes perdas. Aqui também tivemos a mesma situação. Somente que aqui, como talvez vocês tenham visto nos telejornais, existem 450 milhões de pessoas que vivem do trabalho diário, sem nenhuma segurança, e a maior parte delas sem nenhuma economia. Portanto, não poder ir ao trabalho significa comer cada dia menos e procurar sobreviver.

Na nossa comunidade do Focolare de Bangalore havia esta pergunta. De que modo ajudar as pessoas em necessidade? De que modo envolver outras pessoas estando fechados em casa? Tudo começou com uma mensagem no WhatsApp que um de nós enviou a Kiran, um seminarista que vive numa aldeia que visitamos há tempos atrás. “Existem famílias em necessidade na tua aldeia?”. Naquele lugar, que fica no estado indiano Andhra Pradesh, vivem cerca de 4560 famílias e uma paróquia com 450 famílias católicas. Kiran (que significa “raio” na língua local) precisamente naquela tarde, enquanto passeava, tinha visitado várias famílias que lhe tinham confiado o medo do futuro. Já estavam comendo apenas kanji (arroz fervido com tanta água que dá para beber, com um pouco de pimenta verde para dar um pouco de gosto) há alguns dias e não sabiam como iriam fazer nos 21 dias de lockdown. Não é normal que pessoas adultas falem a um jovem dos seus problemas e Kiran tinha voltado para casa um pouco preocupado. Depois, abrindo o celular, viu a mensagem e entendeu que Deus estava lhe dando uma resposta ao pedido de ajuda daquelas famílias. Assim, colocamo-nos em ação.

Kiran procurou saber quais eram as famílias com maiores dificuldades e nós preparamos a mensagem para mandar a todas as pessoas que conhecemos, com detalhes e as contas correntes para onde mandar as ajudas. Colocamos como meta ajudar ao menos 25 famílias, com um saco de arroz de 25 kg e uma sacola de verduras, alimentação suficiente para cerca de 15 dias para uma família, com um custo de 1500 rupias, cerca de 20 euros (120 reais).

A resposta foi imediata. Muitas pessoas participaram, famílias e muitos jovens. Alguns deram mil, outros 3 mil, outros 5 mil rupias. Em poucos dias, atingimos a meta estabelecida. Mas as ajudas continuaram a chegar e pudemos ajudar mais de 30 famílias, com 4 pessoas em média por casa. Isso significa que a ajuda chegou para cerca de 120 pessoas.

Mas, também em outras aldeias onde vivem pessoas que conhecemos, as necessidades são muitas. Por isso, começamos a ajudar também em outros lugares. Agora estamos ajudando três aldeias, sempre com pessoas do lugar que conhecem bem a situação e sabem ajudar da maneira melhor.

Assim como Chiara Lubich havia nos ensinado a amar as pessoas, uma de cada vez, pensamos, neste caso, em amar uma aldeia de cada vez, mas sem nunca parar! O que fazemos é pouco, são como gotas, mas muitas pessoas se mobilizaram. Aqui na diocese de Bangalore, onde também contribuimos, o esforço do Arcebispo, através do centro social, para ajudar muitos trabalhadores bloqueados pelo lockdown foi e continua sendo muito grande.

De Bangalore agora passamos a iniciativa para Mumbai, Nova Deli e Goa, de modo que o que temos possa circular o mais possível. No fim, como estamos todos vivendo a mesma experiência, tudo passa e aquelas poucas gotas de amor que conseguimos doar permanecem e preenchem o nosso coração e o coração dos outros”.

A comunidade do focolare de Bangalore – Índia



A fraternidade universal no **diálogo com pessoas de convicções não religiosas**

Construir um mundo unido sem distinção de raça, religião, condições econômicas e sociais.

“Nós temos como Movimento, como nova Obra que surgiu na Igreja, uma vocação universal, pois o nosso lema é: ‘Que todos sejam um’. Nós não podemos prescindir de vocês, porque estão incluídos nos ‘todos’, caso contrário cortaríamos fora meio mundo ou pelo menos um terço de mundo, e o excluiríamos, enquanto que nós dizemos “que todos sejam um”. Assim, em maio de 1995, a fundadora dos Focolares, Chiara Lubich, explicava as razões que impeliram o Movimento a buscar e desenvolver um diálogo com as pessoas que não se reconhecem em um credo religioso.

Falamos disto com Luciana Scalacci, 73 anos, de Abbadia San Salvatore (Itália). Não crente, é membro da Comissão internacional e italiana do Centro do Diálogo com pessoas de convicções não religiosas dos Focolares.

No Movimento, a busca de um diálogo com pessoas de convicções não religiosas tem raízes profundas. Quais são as etapas mais importantes?

O “Centro do Diálogo com os não crentes” nasce em 1978 e no ano seguinte, pela primeira vez, pessoas de convicções não religiosas participaram de encontros promovidos pelos Focolares. Chiara convidou todo o Movimento a uma abertura para com os não crentes considerando que todos somos “pecadores” e, portanto, podemos fazer uma caminhada comum de libertação e construir juntos a fraternidade universal.

Em 1992, o Centro promoveu o primeiro congresso internacional com o título “Construir juntos um mundo unido”. “A participação de vocês na nossa Obra é essencial para nós – disse Chiara –. Sem vocês (como sem os seus outros componentes) ela perderia a sua identidade”. Em 1994, o segundo congresso. Na sua mensagem, Chiara disse: “O nosso objetivo é o de contribuir para a unidade de todos partindo do Amor por cada pessoa individualmente. Procuraremos, portanto, ver o quanto seja grande, na Humanidade em todos os níveis, a aspiração à fraternidade universal e à unidade”.

Após a morte de Chiara, em 2008, a Presidente Maria Voce confirmou várias vezes que as pessoas de convicções não religiosas são uma parte essencial do Movimento.

Nos anos 1970, não era comum que um Movimento de inspiração cristã abrisse as portas aos não crentes... quais os objetivos?

A unidade do gênero humano, dar concretude ao “Que todos sejam um”, porque o mundo unido se constrói com os outros e não contra os outros.

Em qual base se fundamenta a possibilidade de construir um diálogo entre crentes e não crentes?

Na existência de valores comuns, como a fraternidade, a solidariedade, a justiça, a ajuda aos pobres. Em comum existe também o fato de que todos temos uma consciência pessoal que nos permite refletir sobre estes valores individualmente, mas também de

maneira coletiva, para se tornar patrimônio de todos.

Nesta caminhada vocês encontraram dificuldades?

Dialogar a partir de posições diferentes nem sempre é fácil. Relacionar-se em conteúdos concretos e realizar algo prático é mais simples porque a práxis não faz distinção de cor, religião, ideias. As dificuldades vêm quando a partir da prática se passa aos valores, às ideologias, às superestruturas. O diálogo pode correr o risco de encalhar. Mas isto não aconteceu. Chiara pediu tanto aos crentes quanto a nós, “amigos”, que nos colocássemos na máxima abertura, não para fazer um ato de caridade, mas para se enriquecer reciprocamente e fazer juntos a caminhada em direção a um mundo melhor.

Como você, sendo não crente, se aproximou dos Focolares e como a sua vida mudou?

Um dia a nossa filha nos escreve dizendo que tinha encontrado um lugar onde pôr em prática os valores que lhe tínhamos transmitido: tinha encontrado a comunidade dos Focolares de Arezzo. Não conhecíamos o Movimento, nos preocupamos, tínhamos que ir ver do que se tratava. Mas de imediato tivemos a impressão de nos encontrarmos num lugar onde havia o respeito pelas ideias dos outros, encontramos uma abertura jamais encontrada antes. O encontro com o Movimento foi como uma luz que me fez voltar a ter esperança na possibilidade de construir um mundo melhor.

Você se encontrou com Chiara Lubich várias vezes: que valor teve este relacionamento pessoal?

Em 2000, num encontro público, respondendo a uma pergunta minha, disse: “... também para nós o homem é remédio para o homem, mas qual homem? Para nós é Jesus. De qualquer modo, homem. Peguem-no também vocês, porque é um de vocês, é homem”. Foi então que entendi que o Movimento era o lugar onde eu podia me empenhar, e compreendi por que até mesmo sendo não crente, sempre fui fascinada pela figura de Jesus de Nazaré. Depois, aconteceu que ela me convidou para encontrá-la para uma saudação pessoal, eu que não sou ninguém. Era uma saudação que penetrava você totalmente, se entendia o quanto era grande o amor dela por você. Numa carta, na qual identifico palavras proféticas, me escreveu:



“Querida Luciana... demos muitos passos juntos e nos enriquecemos reciprocamente. Agora, como você diz, devemos tornar este caminho cada vez mais visível para que muitos outros possam encontrá-lo. O segredo nós conhecemos: Vamos em frente para amar”.

Nestes anos de diálogo, como se passou do confronto entre um “nós” e um “vocês” para o se sentir “Unidos no Nós”?

O ceticismo inicial foi a primeira coisa a ser superada. Da parte dos não crentes a preocupação de que se tratasse de uma ação de proselitismo; da parte dos crentes a preocupação, eu creio, de que os não crentes tentassem pôr em discussão as suas certezas, a sua fé. A única que nunca teve preocupações do tipo, foi Chiara. Experimentávamos cada vez mais que o grande recurso para caminhar em direção à meta da fraternidade universal é o diálogo. Aos poucos cresceu a confiança entre as “duas partes”, e nos sentimos não mais “um nós-vocês”, mas “unidos no nós”.

Um desafio decisivo é o de envolver os jovens. Com que sensibilidade vocês se deparam?

Nem todos os jovens estão muito informados da abertura àqueles que não se reconhecem em nenhuma fé religiosa, mas aqueles que eu tive a possibilidade de conhecer se demonstraram interessados por esta realidade. Uma jovem, depois de ter se encontrado conosco, escreveu: “Senti este diálogo como uma faceta daquele diamante precioso que Chiara nos entregou... não o incrustemos”.

Claudia Di Lorenzi

Bagunça

Faço faculdade de psicologia e vivo com outros colegas em uma moradia estudantil, onde usufruímos de uma cozinha comum quando não comemos na faculdade. Um de nós, além de ser bagunceiro, costuma deixar a cozinha suja depois de usar. Esta manhã, passei na cozinha para preparar um café e encontrei tudo bagunçado porque ele havia recebido visita e deixado as coisas como estavam.



Não fui o único a notar aquele caos; alguém, indignado, sugeriu que não tocássemos em nada até que o culpado percebesse. Um tempo depois, no meu quarto, quando estava me preparando para estudar, não me sentia em paz; meu pensamento sempre voltava à cozinha desorganizada... O que fazer? Dar uma lição ao colega ou fazer um gesto de caridade?

Sem hesitar, voltei à cozinha e comecei a lavar a louça; depois levei o lixo para fora... Quando voltei ao quarto, parecia que eu conseguia entender melhor o que estava lendo. A vida com os outros é uma forma de educação que completa as aulas a que assisto na universidade. (G. T. – França)

Confiar

Era um homem de uns quarenta anos, de rosto triste, que se apresentava mal: roupas surradas e sujas, cheiro de álcool e nicotina... Não me pediu dinheiro, mas trabalho, qualquer que fosse. Claramente precisava de ajuda. O que faria Jesus no meu lugar? Decidi convidá-lo para ir à minha casa que necessitava de alguns reparos. Antes ainda, me contou que tinha acabado de sair da prisão e devia pagar a fiança da condicional, mas não tinha nada. Inclusive a sua mulher o tinha deixado. Depois, fez o trabalho indicado, que lhe paguei. Antes de levá-lo ao local em que passava a noite, me perguntou se eu tinha algum outro trabalho para lhe propor.



Consultando alguns amigos, encontramos outras coisas a serem feitas por ele. Voltou diversas vezes. Neste ínterim, confiança e respeito recíprocos cresciam. Após cerca de um mês, não se fez mais vivo. Eu temia que tivesse voltado para a prisão. Depois, um dia, me chamou pelo celular: “Obrigado por tudo o que você fez por mim, pela confiança que me deu.

Consegui pagar a fiança e comprar um celular. Agora tenho um trabalho fixo. Estou muito feliz!”
(A. L. – USA)

Filipinas: a Mariápolis online



“A necessidade faz o sapo pular.” Foi com base nesse ditado popular que nos dias 14 e 15 de maio a comunidade do Movimento dos Focolares da área metropolitana de Manila (Filipinas) organizou a primeira Mariápolis online.

“Estávamos a ponto de nos separar. Isolados, somente nós dois, sentimos o dever de enfrentar nossos problemas, colocar de lado as nossas diferenças e recomeçar do começo. Obrigado por todo o amor de vocês.” Esse é só um dos muitos feedbacks que recebemos daqueles que se inscreveram e participaram da primeira Mariápolis online via Zoom que ocorreu nos dias 14 e 15 de maio de 2020 nas Filipinas.

A quarentena inesperada que se tornou comunitária devido ao Covid-19 nos impulsionou a procurar meios para fazer com que nosso povo se conectasse e se nutrisse da espiritualidade da unidade. A ideia veio após a transmissão online da missa por um pequeno grupo de membros do Movimento dos Focolares que logo se tornou um encontro cotidiano para cerca de duas mil pessoas.

Sentíamos que, se de um lado não tínhamos mais a possibilidade de realizar nossos projetos para “celebrar e encontrar” Chiara no seu centenário, por outro Deus nos abria este caminho que nos permitia fazê-lo mesmo aos poucos! Pelo entusiasmo dos participantes na missa, expressado por mensagens no Facebook, ficou muito claro que mesmo em somente 30 minutos online era possível fazer uma experiência de Deus!

Nesse meio tempo, tivemos nossas primeiras experiências com o Zoom, por exemplo, durante a Semana Mundo Unido e o Run4Unity. Sentimos que devíamos “ir” à Mariápolis para estar ao lado do nosso povo neste momento tão difícil. Não seria fácil: os “mariapolitas” estavam em casa, com todas as distrações e muito provavelmente lidando com

tantas coisas para fazer contemporaneamente: acudir as crianças, cozinhar, terminar tarefas, etc. Também a instabilidade da rede em um país subdesenvolvido como o nosso é um grande desafio. Por isso, nossa Mariápolis deveria durar somente dois dias, e cada parte do programa apenas duas horas. Também pensamos em mudar o nome para controlar a expectativa das pessoas. Mas no fim queríamos que fosse realmente “Mariápolis”, como todas as Mariápolis vividas.

E queríamos que não fosse uma videoconferência, mas uma Mariápolis, uma Cidade de Maria, porque sentíamos a necessidade de ter Maria entre nós, de ser Ela, como nos ensinou Chiara, para levar Jesus em Meio à nossa gente, a fim de que essa experiência pudesse iluminar a experiência da pandemia deles.

Mais de 950 pessoas se inscreveram, não só de toda a Filipinas, mas também de diversos países asiáticos, da América Latina, do Canadá, dos Estados Unidos e algumas da Europa. O programa, disponível ao vivo via streaming para um número infinito de participantes, incluía cantos, experiências ligadas à situação pandêmica atual, momentos de espiritualidade e uma hora de comunhão profunda em grupos.



Um participante expressou muito bem o que foi essa Mariápolis: “Foi realmente um sinal concreto do amor de Maria por todos nós! Como nossa mãe, ela conhece nossas necessidades pessoais e coletivas. Por meio do tema escolhido, os discursos, as experiências e os cantos, nos nutriu com a comida certa e as vitaminas necessárias tanto para o corpo quanto para a alma”.

Romé Vital

Médica entre fé e trabalho

Gabriela Bambrick-Santoyo é uma médica de Medicina Interna. Nasceu e cresceu na Cidade do México e é membro ativo e empenhado da comunidade dos Focolares desde 1987. Atualmente trabalha como Diretora do Programa Associado do setor de Medicina Interna em um hospital no Norte de Nova Jersey, hoje um ponto de risco da atual pandemia de coronavírus COVID-19. Eis um trecho da entrevista realizada por cruxnow.com



Gabriela, você pode dizer algo sobre como a sua fé católica e a espiritualidade dos Focolares inspiram a sua vocação a ser médica?

A minha vocação de católica, e participante do movimento dos Focolares, e a minha vocação de médica são inseparáveis. Nasci católica e conheci o Movimento dos Focolares quando tinha cerca de dezoito anos. Este encontro mudou a minha vida porque foi a primeira vez que fui impelida a viver concretamente aquele evangelho do “ama o teu próximo como a ti mesma”. Isto me mudou profundamente e foi o que guiou as minhas ações, seja como pessoa seja como médica.

Como foi estar na linha de frente na pandemia COVID-19 em um ponto de risco de Nova Jersey?

Pôs à dura prova a minha fé. Sobretudo o medo da morte. Torna-se uma possibilidade muito real quando você vê tanta morte ao seu redor. Uma vez que você diz sim ao chamado a dar a nossa vida pelos outros, que todos nós como cristãos temos, as graças chovem dentro e fora de você! Chovem de verdade!

Tive que me perguntar também o que significava “amar os outros como a você mesma” nesta pandemia de COVID. Quando comeci a ver os pacientes, estava cheia de medo. Queria entrar rapidamente... e sair do quarto o quanto antes possível. Depois, uma reviravolta no enredo: a minha filha, uma jovem sadia de dezoito anos, foi hospitalizada com a COVID.

À noite me chamava chorando do seu quarto do hospital dizendo: “Mãe, perdi toda a minha dignidade. Tenho que ir ao banheiro e não me deixam sair. Não querem entrar e continuam a me empurrar para dentro do meu quarto e a um certo ponto pensei que tinha que fazer as necessidades no chão”. Isto me destruiu, Charlie, e me fez perguntar se eu estava fazendo algo semelhante com os meus pacientes. A esse ponto, decidi mudar, de forma a dar plenamente a minha vida aos meus pacientes, ter mais compreensão e nunca fazer com que se sentissem abandonados.

Deve ser tão difícil se confrontar com a morte no ritmo com que você a viu nas últimas semanas. Para todos nós é tão difícil até mesmo só imaginá-la.

É verdade, mas às vezes também existem graças. Uma das minhas pacientes era uma senhora de noventa e um anos muito doente que, em última análise, sabia que morreria por causa da COVID-19 e estava em paz. O meu ato de misericórdia consistiu em estar lá nos últimos momentos da sua vida. Em passar tempo não só com a minha paciente, mas também com a sua família ao telefone. Nunca esquecerei quando lhe disse que a sua família lhe queria muito bem e que estava em paz e que sabia que ela estava pronta e me apertou a mão. Esta é a misericórdia.

Eu tinha outro paciente com o qual tive aquela que eu chamo de “situação em dose dupla”. Além de ser um paciente COVID, era muito agressivo, não completamente estável e dizia que me daria um soco se eu não fizesse X ou Y. Não foi imediato me lembrar que também esta pessoa é filha de Deus e que eu devia olhá-la com paciência, amor e misericórdia. Uma vez que ele viu isto nos meus olhos, a sua raiva começou a se dissipar. A caminho da internação num outro setor, se virou para mim, me sorriu e me disse: “Você e [a enfermeira X] foram as únicas a dedicar tempo me explicando as coisas”.

Que diferença faz a sua robusta vida de oração e os seus empenhos teológicos em relação a como pratica a medicina nestas circunstâncias?

A oração foi uma coluna central da minha vida e me permitiu superar esta crise. É na oração que encontro paz e conforto. É na oração que me encontro em Deus. Enfim, participo dos encontros semanais (encontros zoom) com a minha comunidade dos Focolares. Todas estas coisas juntas são como a armadura que me permite enfrentar esta crise.

Semana **Laudato Si'** pelos cinco anos da encíclica do Papa

Uma iniciativa global que envolveu milhares de fiéis por meio de seminários interativos e de formação sobre o cuidado da casa comum. Anunciada pelo Papa, foi organizada pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral com o apoio de grupos católicos.

De 16 a 24 de maio ocorreu a Semana Laudato Si' com o título "Tudo está conectado", uma iniciativa global pelo quinto aniversário da encíclica do Papa Francisco sobre o cuidado da casa comum.

O evento contou com a participação de comunidades católicas do mundo inteiro, envolvendo dioceses, paróquias, movimentos e associações, escolas e instituições para aprofundar o próprio empenho em salvaguardar a Criação e promover uma ecologia integral.

A semana muito desejada pelo Papa foi organizada pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral com o apoio de vários parceiros católicos entre os quais o Global Catholic Climate Movement (Movimento Católico Global para o Clima) que engloba mais de 900 organizações católicas mundiais entre os quais o Movimento dos Focolares.

No decorrer da semana, foram várias as iniciativas online seguindo as linhas indicadas pelo Laudato Si'. Devido à pandemia do corona vírus, o evento ocorreu totalmente online por meio de seminários interativos e de formação.

No domingo, 24 de maio, o evento foi concluído com um dia mundial de oração às 12h (hora local de cada fuso-horário), e cada um pôde rezar pela Terra com esta oração.

Em março, o Papa enviou um vídeo no qual encorajava os fiéis a participar para proteger nossa casa comum. Juntos, por meio de ações e da fé, podemos resolver a crise ecológica. "Que tipo de mundo queremos deixar para aqueles que virão depois de nós, para as crianças que estão crescendo?", diz o Papa. "Renovo meu apelo urgente a responder à crise ecológica. O grito da terra e o grito dos pobres não podem mais esperar. Cuidemos da criação, dom do nosso bom Deus-Criador."

Nesses cinco anos, a encíclica do Papa tocou a consciência de muitos cidadãos. Nasceram várias comunidades com o objetivo de fazer algo pelo meio ambiente, impulsionados pelas palavras do Papa sobre uma visão ecológica mais atenta para a Casa Comum. E depois de cinco anos, essas palavras ressoam muito atuais neste mundo que sofre com a pandemia do Covid-19.

O Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral também evidencia como os ensinamentos da Encíclica são particularmente relevantes no contexto atual do



corona vírus que parou muitas partes do mundo. "A pandemia atingiu todos e nos ensina como somente com o empenho de todos podemos nos reerguer e derrotar também o vírus do egoísmo social com os anticorpos da justiça, caridade e solidariedade", destaca dom Francesco Soddu, diretor da Caritas Italiana, "para ser construtores de um mundo mais justo e sustentável, de um desenvolvimento humano integral que não deixe ninguém para trás".

Nessa semana não se falou apenas de ecologia. Os organizadores se perguntaram: mas quanto pesa a economia em se tratando de salvaguardar a Criação? Quinta, 21 de maio, houve um encontro online com a economista inglesa Kate Raworth, da Universidade de Oxford e da Universidade de Cambridge, uma das economistas mais influentes a nível internacional. Esse encontro também faz parte do percurso de preparação e formação para "The Economy of Francesco", o evento pensado pelo Papa que ocorrerá em novembro em Assis, para o qual já se inscreveram 3000 jovens empreendedores de todo o mundo.

Tratando-se de salvaguardar a Criação, "a economia pesa pelo menos 50% se considerarmos a economia individual, a economia das empresas e dos Estados e os efeitos que tudo isso produz na degradação do planeta", afirma o economista Luigino Bruni. "Além disso tem a política, nossos estilos de vida, etc... (...) Se olharmos também para os fracassos desses dez anos, o aquecimento global, por exemplo, percebemos que a economia capitalista realmente teve um grande peso. Portanto, se quisermos mudar, precisamos mudar a economia."

Viver o Laudato Si', portanto, quer dizer testemunhar nossa sensibilidade para o tema de salvaguardar a Criação, mas também no âmbito econômico com as nossas escolhas de vida. Podemos contribuir em realizar uma profunda conversão econômica e ecológica por meio de experiências concretas. Além disso, devemos entender qual mudança política promover para escutar realmente o grito da terra e dos pobres.

Lorenzo Russo



De El Salvador em quarentena

O testemunho de Rolando, diretor de uma empresa de El Salvador: preocupações e expectativas pelo seu país em tempo de pandemia e a opção, feita com a família, de viver pelos outros.

Em El Salvador estamos em quarentena, como o resto do planeta. O medo compreensível mas, na minha opinião, supervalorizado, conquistou espaços, e com a finalidade de conter a contaminação foram encorajadas medidas que vão contra os direitos humanos.

Aproveitando da emergência a democracia é minada e, sempre pelo medo, boa parte da população exige uma mão forte. Dessa maneira, como medida para conter o vírus, a pandemia gerou um retorno ao autoritarismo. Um retorno à intolerância, ao não diálogo, com sentimentos de raiva e de vingança. E precisa acrescentar o impacto negativo sobre a economia com o fechamento das atividades não essenciais, a alta taxa de economia informal, a redução das remessas e o alto nível de endividamento motivado pela emergência.

Para mim esta situação é uma desolação coletiva. Na juventude vivi a guerra civil e, com muitas ilusões, a chegada das negociações e a assinatura da paz. Acompanhei o lento processo rumo à democracia, nunca satisfeito, mas sempre com esperança. Jamais teria imaginado ver novamente as forças armadas dominarem a cena política e a ruptura da ordem constitucional. É um sofrimento pessoal e social que, algumas vezes, me fez perder o otimismo. Penso que haverá, no futuro próximo, uma crise econômica e social que atingirá a democracia e especialmente as pessoas mais vulneráveis.

A espiritualidade da unidade que procuramos viver na minha família, nos leva a realizar ações concretas

em favor de quem está perto de nós. Da minha parte, mergulhado no trabalho em casa, procuro antes de tudo amar Irene, minha esposa, valorizando o esforço que faz para gerir a situação difícil, ajudando-a e cobrindo os vazios, até porque com a pandemia as pessoas que nos ajudavam em casa não estão aqui. Preparo com alegria os pratos que agradam a Roxana, a filha mais nova, e dou coragem à Irene Maria, a mais velha, que estuda no exterior. Todos os dias falo com meus pais e me ocupo de suas necessidades. Procuramos apoiar e dar serenidade aos nossos funcionários domésticos, garantindo os seus salários, até que possamos fazê-lo...

Com os empregados da empresa onde trabalho, junto com outros dirigentes, estamos implementando políticas de ajuda financeira, facilitando o trabalho à distância dos dependentes para garantir o emprego deles. Procuro me relacionar da melhor maneira possível com minha equipe e ser compreensivo diante da queda de produtividade deles.

Com alguns especialistas de várias áreas trocamos experiências, estudamos a crise, os modelos econômicos, o desenvolvimento dos mercados, a política, conscientes da possibilidade que temos de aprender coisas novas e encontrar ideias inovadoras para enfrentar o futuro.

Sem me aperceber os dias passam rapidamente, e uma sensação de paz muitas vezes invade a minha alma. Continuo a me preocupar pela situação sanitária do país, pela democracia em perigo, pela economia, mas sinto, cada vez mais, a força de continuar a lutar para manter altos os valores nos quais creio, ainda que lá fora a tempestade continue forte.

*Rolando, El Salvador
(Recolhido por Gustavo E. Clariá)*



O compromisso dos Focolares por **um mundo livre de todas as formas de racismo**

Depois dos fatos ocorridos em Mineápolis e das manifestações no mundo, sentimo-nos impotentes e indignados, mesmo assim continuamos a acreditar e a trabalhar por um completo acolhimento e manifestação para enfrentar as maiores necessidades do nosso tempo.

“Temos ainda diante dos nossos olhos os recentes acontecimentos que evidenciam mais uma vez a odiosa realidade de injustiça racial e de violência, e sentimos o coração despedaçado.

Sentimo-nos impotentes e indignados. Mesmo assim continuamos a ter esperança”.

Estas são algumas das expressões iniciais da declaração com a qual a comunidade dos Focolares nos Estados Unidos exprime o próprio compromisso em relação à justiça racial depois dos fatos ocorridos em Mineápolis e aos protestos que estamos assistindo no mundo. É um compromisso partilhado em nível global e que reafirmamos, em nome de todos os membros do Movimento dos Focolares no mundo.

Com Papa Francisco e muitos líderes religiosos e civis, nós também afirmamos que “não podemos tolerar nem fechar os olhos para qualquer tipo de racismo ou de exclusão” e que nos comprometemos a “sustentar as ações positivas e justas mais difíceis, ao contrário dos erros fáceis da indiferença”, como sustentam os bispos estatunidenses. “Não podemos fechar os olhos para estas atrocidades e ao mesmo tempo professar o respeito pela vida humana. Nós servimos um Deus de amor, de misericórdia e de justiça”.

Num momento como este, no qual “o sonho da nossa fundadora, Chiara Lubich, de ver progressos

em direção da realização da oração de Jesus ao Pai, ‘que todos sejam uma coisa só’ (Jo 17,21) parece estar distante, quase fora de alcance” [1], perguntamo-nos o que podemos fazer tanto pessoalmente como em nível comunitário. O que é preciso mudar em cada um de nós? De que modo podemos fazer ouvir a nossa voz no debate público para apoiar quem sofre formas de racismo e outras exclusões?

“O nosso objetivo é promover um profundo espírito de total acolhimento e de vibrante participação nas nossas comunidades culturalmente diferentes e intergeracionais. Temos como guia as palavras de Chiara Lubich: ‘Sejam uma família’” [2].

Acreditamos e continuamos no empenho de criar comunidades que se baseiem autenticamente na lei evangélica da fraternidade; um princípio e uma ação que nos une também aos irmãos e às irmãs de todas as Religiões e a quem não reconhece uma crença precisa. Queremos dedicar os nossos esforços principalmente aos mais jovens, que podem sentir medo e apreensão pelo futuro.

Diante de rupturas tão profundas e enraizadas, as nossas iniciativas e projetos parecem pequenas e ineficazes e a estrada muito longa. Projetos como a Economia de Comunhão e o United World Project, a estratégia global proposta pelos jovens dos Focolares para enfrentar os desafios mundiais, podem parecer como gotas no mar, mesmo assim estamos convencidos de que estes contém ideias potentes, capazes de contribuir para enfrentar as necessidades mais profundas do nosso tempo juntamente com tantas pessoas, organizações e comunidades que constituem uma rede invisível que pode salvar a humanidade.

Stefania Tanesini

[1] Statement of U.S. Focolare Movement: our commitment to racial justice – <https://www.focolare.org/usa/files/2020/06/Focolare-Statement-on-Racial-Justice.pdf>

[2] Ibid.



P. Ermanno Rossi
Fiesole (Italia)
1924 - 2020

Padre Ermanno Rossi: “nada pedir e nada recusar”

Ele foi um dos primeiros religiosos a aderir à espiritualidade do Movimento dos Focolares. Um contemplador plenamente em ação, um homem de Deus imerso na humanidade.

O que significa e para que serve “contemplar” atualmente? E como se contempla no século 21? Em tempos como estes, trancados em casa devido ao Covid e pressionados pelas preocupações com o futuro, tomar um tempo para nos colocar em contato com o Absoluto poderia não parecer uma prioridade.

Porém, há poucos dias, fui obrigada a crer novamente: conheci a extraordinária figura do padre Ermanno Rossi, dominicano italiano, pioneiro do Movimento dos Focolares nos anos 1950, que nos deixou na segunda-feira passada, após a Páscoa. Sua parábola existencial afirma que só uma relação íntima com Deus poderia torná-la possível.

Um texto seu, escrito para o 90º aniversário dele, confirma isso:

“Foram tantos os acontecimentos da minha vida! Lembro-me de que somente uma convicção interior me guiou em todas as escolhas: ‘Nada pedir e nada recusar’. Isso significava o seguinte: valorizar bem a tarefa confiada a mim, colocar todas as minhas forças com a certeza de que Deus pensaria no resto. Por esse motivo, nunca pedi nada nem recusei nada. Ao chegar nesta idade, porém, posso assegurar que valeu a pena confiar em Deus. (...) Juntamente com as dificuldades, tive graças extraordinárias. Entre elas, tem um lugar totalmente relevante o encontro com Chiara Lubich e com o Movimento dela. Esse encontro foi o farol da minha vida.”

E a vida dele foi, digamos, um tanto intensa: de 1950 a 1955, foi o responsável pelos jovens aspirantes à vida dominicana; escrevia que a sua cela era o carro: “Eu vivia rodando pela região central da Itália”.

Foi naqueles anos que o padre Ermanno encontrou uma das primeiras comunidades romanas do Movimento dos Focolares e conheceu Graziella De Luca: “Fiz somente uma pergunta: ‘Agora, enquanto vocês estão vivos, tudo caminha bem; mas, quando a primeira geração se for, inevitavelmente haverá um declínio, como aconteceu com todas as fundações’. Graziella respondeu: ‘Não! Enquanto houver Jesus no meio, isso não acontecerá.’”

A partir daquele momento, a vida dele deu, se é que era possível, mais uma acelerada: foi reitor e tesoureiro de um seminário; docente de Moral em Loppiano, rodou pela Europa apresentando a espiritualidade do Movimento dos Focolares a inúmeros religiosos. Foi responsável pelo Centro Missionário da sua província religiosa, depois pároco em Roma e superior de uma pequena comunidade.

Com qual espírito padre Ermanno viveu tudo isso? Ele mesmo conta:

“Em todos esses fatos, houve algo constante: todas as vezes tive de começar do zero; tive de ‘reciclar-me’. Era como se a cada vez me confiassem um trabalho novo. Outra constante: no começo, a nova situação sempre revelava-se dolorosa, depois, eu a via como providencial. Agora tenho certeza de que aquilo que a Providência coloca à minha disposição é o que poderia me acontecer de melhor”.

Na espiritualidade da Unidade, padre Ermanno encontrou a estrada para um novo relacionamento com Deus. Até então, havia procurado Deus sozinho. Descobriu, por meio de Chiara Lubich, que o irmão é o caminho direto para chegar a Deus; uma estrada que não requer, necessariamente, a solidão: pode ser percorrida também no meio da multidão.

Stefania Tanesini



Mark Ruse
Australia
1956 - 2020

Tchau, Mark

Um produtor cinematográfico independente, um cidadão do mundo, um apaixonado por cinema, televisão e... fraternidade universal.

Foi nas altas horas da noite italiana, 11h da manhã em Melbourne, a última saudação via streaming a Mark Ruse, produtor cinematográfico australiano, que faleceu depois de uma doença brevíssima aos 64 anos de idade.

Mark não era só um produtor independente muito estimado e amado por todos no circuito cinematográfico e televisivo australiano, mas era um cidadão do mundo que por meio de seu trabalho, mas sobretudo com a sua humanidade e simplicidade, havia construído relações autênticas e profundas com tantas pessoas, inclusive fora do ambiente cinematográfico.

Mark Ruse iniciou sua carreira como produtor independente e nos últimos 20 anos, juntamente com seu sócio, Stephen Luby, fundou a Ruby Entertainment, que produziu uma quantidade impressionante de filmes e séries para televisão, sobretudo comédias com prêmios, reconhecimentos e altos índices de audiência na Austrália. Também produziu filmes e documentários de cunho social, ligados à história, por vezes trágica, da terra dele, como *Hoddle Street* sobre o massacre de 1987 em Melbourne que lhe rendeu um importante prêmio internacional.

No entanto, Mark era sobretudo uma pessoa simples e gentil, apaixonado pelo seu trabalho, que enfrentava as dificuldades – que são muitas para um produtor independente – com leveza e uma boa dose de humor.

Nós nos conhecemos há mais de 40 anos na Itália. Muitas vezes nos reencontramos em diversos países da Europa e do mundo, nas colinas próximas a Roma, e compartilhávamos aquilo que Chiara Lubich propunha nos anos 70, particularmente a nós Gen, os jovens do Movimento dos Focolares. Um ideal revolucionário, que tinha no centro uma dimensão espiritual e pessoal fortíssima, mas ao mesmo tempo também comunitária e global.

[1] *Somos pessoas loucas, mas precisamos nos sentir parte de uma família.*

A paixão juvenil por ambas as coisas (cinema e televisão) teria se tornado com o tempo o nosso trabalho, o meu como diretor de televisão, o dele como produtor, mas também o espaço da vida no interior do qual procurávamos levar as ideias e convicções profundas que compartilhávamos.

No começo dos anos 2000, compartilhamos o nascimento de NetOne, uma grande rede mundial de profissionais de várias áreas da comunicação, diretores, produtores, roteiristas, jornalistas que, tanto hoje como naquela época, querem contribuir juntamente a outros para uma comunicação diferente, seja nos relacionamentos com a produção seja com relação ao público, o destinatário final do nosso trabalho. Mark foi um construtor incansável dessa rede.

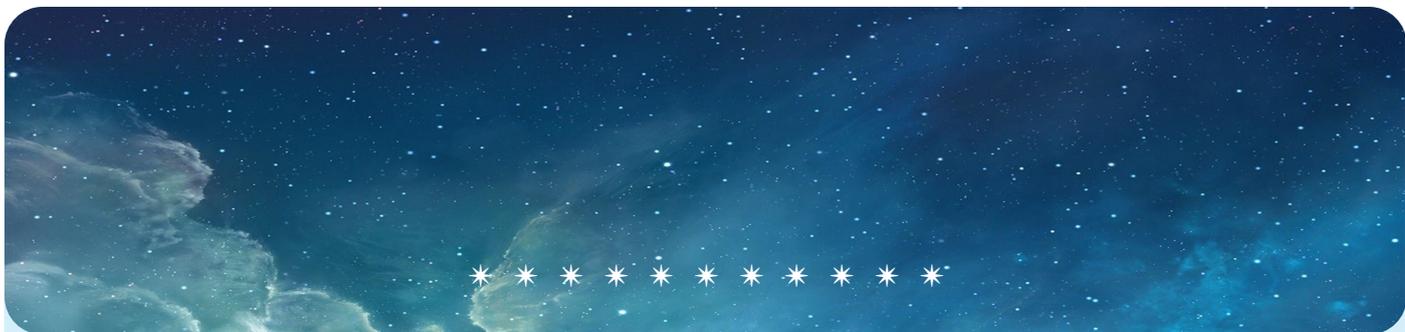
Todas as vezes em que nos encontrávamos em Roma, ou em Melbourne, ou em qualquer outra parte do mundo, a conversa recomeçava exatamente de onde havia parado, mesmo que tivessem se passado meses ou anos da anterior. Até a mensagem de alguns meses atrás, em que me contava sobre sua doença: “Será uma viagem, eu sei, mas quero compartilhar com você e com todos de NetOne. Abracei essa nova fase da vida com amor”.

Ele se foi em poucos meses, apesar de na última chamada pelo Zoom, poucos dias antes de sua morte, ter se mostrado alegre e sempre cheio de projetos para o futuro.

“Na base da minha fé, há a ideia de querer amar o próximo”, dizia. “O que fazemos é algo que deve melhorar a sociedade, que realmente enriqueça as pessoas que verão nosso filme, e esse é mais um modo de colocar amor na sociedade.”

O cinema australiano perdeu um produtor excelente, nós, da rede de NetOne, perdemos um amigo, um companheiro de viagem que nos deixou com a leveza de seu sorriso... “*We’re crazy, we’re crazy people, but we need to feel part of a family*[1].” É exatamente assim, Mark, exatamente assim.

Marco Aleotti
Cortesia do Cittanuova.it



Membros do Movimento que concluíram a sua vida terrena:

11 março de 2020

*Helena (Lena) Guedes Carrapa -
focolarina casada da Portugal*

28 abril de 2020

*Jacobo Kim Shin Hyeok -
focolarino casado da Coreia do Sul*

09 maio de 2020

Mark Ruse - focolarino casado da Austrália

12 maio de 2020

*Regina Maria Prado Nogueira De Sá - focolarina
casada da Brasil*

16 maio de 2020

Rainer Stein - sacerdote focolarino da Alemão

17 maio de 2020

Helga Glowacki - focolarina da Alemão

20 maio de 2020

Michel Pouzols - focolarino da França

26 maio de 2020

*Amalia (Amata) Frontalic -
focolarina da Mariápolis Romana*

02 junho de 2020

*Giulietta Napoleone - focolarina da Mariápolis
Romana*

11 junho de 2020

Silvia Tonini Dal Soglio - focolarina casada da Itália

12 junho de 2020

Pietro Salvador - sacerdote focolarino da Itália

Contribuições para o noticiário Mariápolis:

*Prezados leitores, este noticiário em formato Pdf, que
pode ser impresso, reúne os artigos mais importantes
publicados na seção “Mariápolis” do site internacio-
nal do Movimento dos Focolares ([www.focolare.org/
mariapoli](http://www.focolare.org/mariapoli)).*

*Vocês poderão baixá-lo do site ou receber por e-mail
ativando a respectiva notificação.*

*É um serviço **gratuito** do Departamento de Co-
municação. Mas somos sempre gratos a quantos
quiserem continuar a sustentar, inclusive economica-
mente, o nosso trabalho, contribuindo também assim
para a difusão do Carisma da unidade.*

A redação

A ajuda econômica pode ser enviada por transferência bancária na conta corrente:

PAFOM – Noticiário Mariápolis

Unicredit Ag. di Grottaferrata (RM) - Piazza Marconi

IBAN: IT 94 U 02008 39143 000400380921

BIC: UNCRITM1404

O presente Noticiário Mariápolis em formato Pdf é uma seleção de notícias publicadas no site do Movimento dos Focolares - P.A.F.O.M. www.focolare.org/pt/mariapoli/

© Todos os direitos reservados